

RELATO DE CAÇA

“O meu primeiro lance de caça com besta”

Numa breve introdução tenho que vos informar que a modalidade de caça com besta para mim é nova, contudo o “bichinho” de adquirir este tipo de equipamento (besta) já dura á muitos anos (cerca de 22), por fim no ano passado (2015) após alguns esclarecimentos e conselhos de um “profissional” neste tipo de caça com arco/besta, o Sr. Augusto Pires (Pro-Flecha) e também através da visualização de diversos vídeos de caça com besta (Jorge Pedro) decidi comprar a dita cuja, optando por uma besta da Excalibur, modelo MATRIX Xtra 380.

Posteriormente após realizar a prova para a especificação de arqueiro-caçador na Tapada de Mafra, comecei a ambientar-me com todo aquele processo de caça, efectuando diversos disparos (alvos) praticando/afinando a mira ao pormenor, ficando um “mimo” para a distância de 25 metros. Contudo apesar de praticar a caça de espera todos os santos meses do ano (com carabina), na lua de Agosto de 2016, preparei um cevadouro apropriado para a caça com besta. Uma semana depois de fazer o cevadouro verifiquei que o mesmo já tinha sido visitado e por um exemplar de respeito, tendo em conta os sinais deixados (golpes fundos e bem visíveis) no tronco de sobreiro, onde tinha deitado um pouco de óleo de alcatrão para o mesmo se coçar/esfregar.



Tendo em conta a regularidade do animal no cevadouro, a motivação aumenta, levando-me a construir um “palanque” improvisado no cimo de um sobreiro, a cerca de 4 metros de altura, criadas as condições, bastava só aguardar ansiosamente pelo período autorizado para ir fazer a espera.

Chegado o dia da espera e lá estou eu á espera do suposto “navalheiro” todo entusiasmado, quando cerca das 21H20 ouviu á retaguarda um estalido, levando-me a olhar para trás, quando constatei que tinha o javali a cerca de 40 metros, em terreno aberto, parado a olhar na minha direcção, fiquei imóvel, aguardando que o mesmo avançasse para o cevadouro, mas o “espertalhão” apercebeu-se da minha presença, saindo do local, ocultando-se no barranco a cerca de 50 metros, extremamente incomodado/irritado, ficando naquele sitio cerca de 30 minutos, acabando por sair de mansinho pelo mesmo local de onde entrou.

Durante os restantes dias de lua de Agosto, após várias idas ao campo, nunca mais nos “cruzámos”, mesmo assim o cevadouro continuava a ser frequentado, uma vez que que as amêndoas e o milho iam sendo comidos, contudo os sinais deixados no sobreiro continuavam os mesmos, levando-me a crer que possivelmente seria outro javali, tendo o “navalheiro” abandonado a zona.

Infelizmente não me foi possível ver com clareza o porte do animal, mas segundo testemunho de popular que viu o mesmo (durante o dia) no interior daquela reserva de caça (Associação de Caça e Pesca do Roncão do Meio – Mértola) tratava-se de um animal imponente, afirmando o mesmo que já não se via muito amiúde um exemplar com aquela qualidade/tamanho.

Mais motivado ainda chega a lua de Setembro, após várias idas nocturnas para aquele cevadouro e nada, até que no último dia de lua (17SET16) surge a oportunidade, começando a aperceber-me da presença do animal cerca das 23H00, ao passar nas proximidades do cevadouro, contudo não se deslocou em direcção ao mesmo, ouvindo-se barulho em redor, mas cada vez mais distante do local da comida. Por volta da 01H00 começo a ouvi-lo coçar-se no sobreiro “marcado” a cerca de 35 metros no

interior do mato, destacando-se deste lance a particularidade do mesmo se encontrar sempre, mas mesmo sempre, a soprar fortemente. Tendo em conta os sinais dados pelo animal, começo a pensar que poderia ser o tão esperado “navalheiro”, causando-me alguma tensão/euforia, no momento em que o mesmo se começa a deslocar em direcção ao cevadouro (sempre a soprar), ficando a cerca de 2 metros do mesmo, oculto pela vegetação/mato, durante vários (longos) minutos e sempre a soprar. Até que por fim resolve avançar para o cevadouro, ficando no meio da clareira, bem visível, pelo que face a astúcia do animal, não hesitei, pontaria atrás da “mão” direita e lá vai o virotão, apercebendo-me pela primeira vez do barulho provocado pelo mesmo ao bater e perfurar a caixa torácica do dito cujo.

O javali sai disparado e eu respiro de satisfação/alívio, por ter conseguido terminar o lance com sucesso, com o privilégio de passar por esta nova experiência de caça (espectacular). Enquanto fico a aguardar cerca de 40 minutos no local (conforme recomendado), começo a reflectir no lance constatando que o javali não era assim tão enorme como referido pelo popular, contudo pensei, pode não ser grande mas pode ter uma boa boca! Desloquei-me ao carro e fui buscar ajuda para este tipo de situações, a minha cadela de nome Chita (Teckel), pelo que chegados ao local do disparo, verifiquei que não era visível sangue, a cadela começa a pistear a cerca de 6/7 metros, encontro uma poça de sangue, seguido de um rasto contínuo e abundante, facilitando assim a procura, até chegarmos junto do animal que ficou a cerca de 40 metros do local do disparo.

Infelizmente o lance não teve o final que eu tanto desejava, constatando que não se tratava do grande “navalheiro”, mas sim de um seu aspirante com cerca de 70kg. Em relação á particularidade que referi anteriormente sobre o soprar contínuo, pude verificar que era causada por deficiência que o mesmo apresentava na tromba, provocada pelo aperto de cabo de aço (laço) utilizado por caçadores furtivos na caça ao javali.

Posso dizer mesmo assim que foi uma espera espectacular, cheia de emoção, ficando na esperança que o grande “navalheiro” continue a deambular nas proximidades daquela reserva de caça, sendo expectável de que a qualquer momento alguém ficará muito satisfeito com a sua captura, tenho ainda que salientar que fiquei fascinado com o desempenho da minha MATRIX e os estragos provocados pela ponta de caça RAGE HYPODERMIC, simplesmente brutal!



Saudações cinegéticas a todos os caçadores

João Paulo Costa
Mértola